

Relatório de **Asset Allocation** SETEMBRO 2026

Referente à reunião de Asset Allocation
realizada no dia 2 de Setembro de 2026



Resumo da Visão do Comitê

Agosto foi marcado por forte volatilidade nos mercados, em meio às incertezas sobre a trajetória dos juros nos Estados Unidos, à retomada das tensões geopolíticas no Oriente Médio e, no Brasil, ao aumento das preocupações fiscais e eleitorais. No exterior, apesar do ambiente de maior cautela, os principais índices acionários encerraram o mês em alta: S&P 500 e Nasdaq avançaram 2,62% e 3,93%, respectivamente, sustentados principalmente pela continuidade da valorização das empresas ligadas à inteligência artificial. No Brasil, o desempenho foi mais fraco: o Ibovespa recuou 0,33%, resultado que, apesar de positivo, esconde a forte volatilidade observada ao longo do período — na primeira quinzena, as perdas chegaram a aproximadamente 6%.

No mercado doméstico, a piora inicial refletiu uma combinação de fatores externos e locais. Além da retomada do conflito entre Estados Unidos e Irã e das incertezas em relação aos juros americanos, pesaram a recomendação de um grande banco internacional para que investidores mantivessem posição neutra em relação ao Brasil até as eleições, o aumento da incerteza eleitoral e a saída expressiva de capital estrangeiro da bolsa. Ao longo de agosto, investidores estrangeiros retiraram R\$ 18 bilhões do mercado acionário brasileiro, movimento concentrado principalmente na primeira metade do mês. Na última semana, porém, a recuperação do petróleo e a busca por diversificação em mercados emergentes exportadores de commodities contribuíram para uma reversão parcial dos fluxos, com ingresso superior a R\$ 5 bilhões. Pesquisas eleitorais indicando avanço de candidaturas de oposição ao atual governo também favoreceram a recuperação dos ativos domésticos na reta final do mês.

No mercado de juros, a curva repetiu a dinâmica observada em julho: os vértices mais curtos fecharam, acompanhando a perspectiva de continuidade dos cortes da Selic, enquanto os trechos intermediário e longo abriram, refletindo as preocupações com o quadro fiscal e eleitoral. No mercado de câmbio, o Brasil seguiu direção oposta à observada no DXY e avançou 2,16%, encerrando agosto a R\$ 5,1801, refletindo principalmente o aumento dos prêmios de risco domésticos e a saída de capital estrangeiro.

No exterior, a inflação americana permaneceu como um dos principais focos de atenção. O PCE avançou 0,2% em julho e acumulou alta de 3,7% em 12 meses, mantendo-se distante da meta de 2% do Federal Reserve. Ao mesmo tempo, sinais de enfraquecimento do mercado de trabalho provocaram oscilações relevantes nas expectativas para a política monetária. Nesse contexto, o discurso de Kevin Warsh em Jackson Hole ganhou especial importância: o presidente do Fed adotou tom mais duro em relação à inflação e reforçou que o banco central ainda não estava convencido de que a inflação subjacente estivesse convergindo de forma sustentável para a meta. Após o discurso, a probabilidade implícita de uma alta de 25 pontos-base dos juros em setembro passou de cerca de 35% para mais de 60%, o que foi reforçado na última semana do mês pela retomada dos conflitos entre EUA e Irã, e consequente alta do petróleo.

Na agenda econômica doméstica, agosto trouxe inflação mais baixa e sinais mais claros de perda de dinamismo da atividade. O IPCA-15 registrou deflação de 0,40%, surpreendendo positivamente. Embora parte relevante da queda tenha sido explicada pela incorporação do bônus de Itaipu às tarifas de energia elétrica, as medidas subjacentes de inflação também vêm apresentando uma composição mais favorável. As principais preocupações à frente permanecem concentradas na inflação de serviços, nas expectativas ainda desancoradas e nos potenciais efeitos do El Niño sobre os preços de alimentos.

Do lado da atividade, os indicadores confirmaram que a esperada desaceleração da economia está em curso. O PIB cresceu 0,5% no segundo trimestre, acima das expectativas, mas com contribuição importante da agropecuária. Componentes mais ligados à demanda doméstica e sensíveis ao ciclo econômico apresentaram desempenho mais fraco: os serviços avançaram apenas 0,2%, enquanto o consumo das famílias recuou 0,4%. O quadro é reforçado pela deterioração das condições de crédito, com elevado endividamento das famílias, aumento do comprometimento de renda e avanço da inadimplência — fatores que devem limitar o consumo e contribuir para uma desaceleração adicional da atividade nos próximos trimestres.

Decisão de Asset Allocation

Diante de tal cenário, o comitê se reuniu e as discussões, mais uma vez, se concentraram na leitura para juros no Brasil. A mistura de uma inflação mais fraca, atividade em processo de desaceleração e aumento do endividamento das famílias cria um ambiente propício para a continuidade dos cortes por parte do Banco Central. Se na última reunião de Asset Allocation as discussões eram sobre fim de ciclo ou não, nesta, com os dados recentes, a dúvida parece girar em torno da quantidade de cortes que virão. Neste sentido, os riscos são conhecidos: a) El Niño e seus potenciais impactos sobre a dinâmica dos preços; b) Política fiscal expansionista e de estímulo à demanda agregada; c) Cenário eleitoral e risco para o câmbio. Com isso, o comitê revisou a taxa Selic de fim de ano para 13,50% (vindo de 13,75%), entendendo que há um risco de mais corte além dos 2 embutidos nesta projeção.

Outro ponto de discussão foi, é claro, o risco eleitoral. E aqui, a postura adotada foi a de cautela em relação aos ativos domésticos à medida que o pleito se aproxima. Entendemos que o resultado eleitoral tende a produzir uma reação bastante assimétrica, e em alguma medida, binária, nos mercados, especialmente por suas implicações para a condução da política fiscal a partir de 2027. A depender do resultado e, principalmente, da sinalização em relação à trajetória das contas públicas, podemos observar movimentos relevantes em direções opostas nos juros longos, na bolsa e no câmbio. Diante dessa elevada sensibilidade dos preços dos ativos ao cenário político, consideramos prudente manter maior cautela nas alocações até que haja mais clareza sobre o resultado eleitoral e, principalmente, sobre a política econômica a ser adotada no próximo governo.



Projeções Macroeconômicas

Diante do exposto, estabeleceu-se o seguinte cenário-base:

Taxa Selic

2026		2027	
Anterior	Atual	Anterior	Atual
13,75%	13,50%	11,50%	11,00%

Inflação (IPCA)

2026		2027	
Anterior	Atual	Anterior	Atual
5,00%	5,00%	4,20%	4,00%

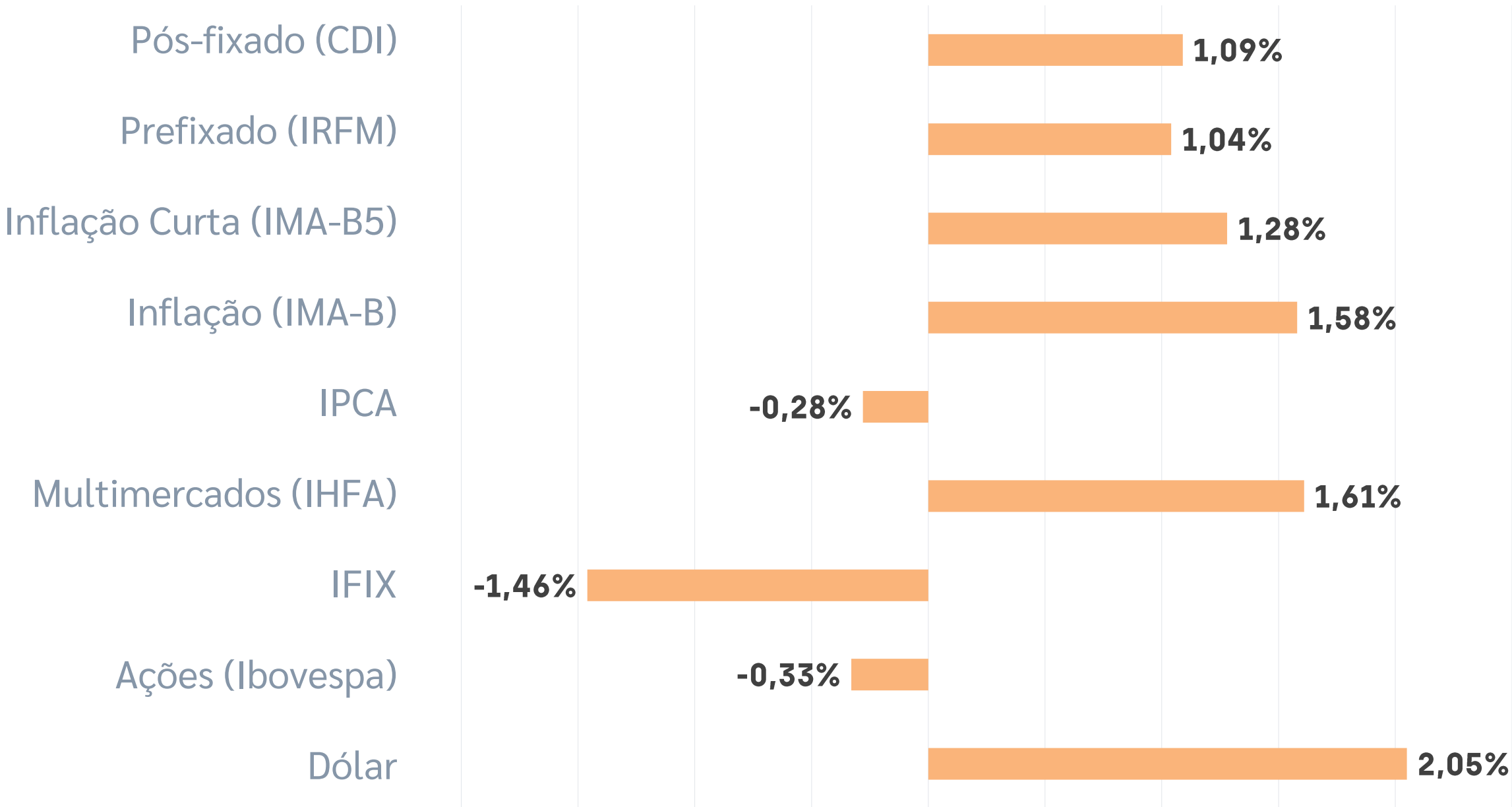
PIB

2026		2027	
Anterior	Atual	Anterior	Atual
1,85%	1,80%	1,80%	1,70%

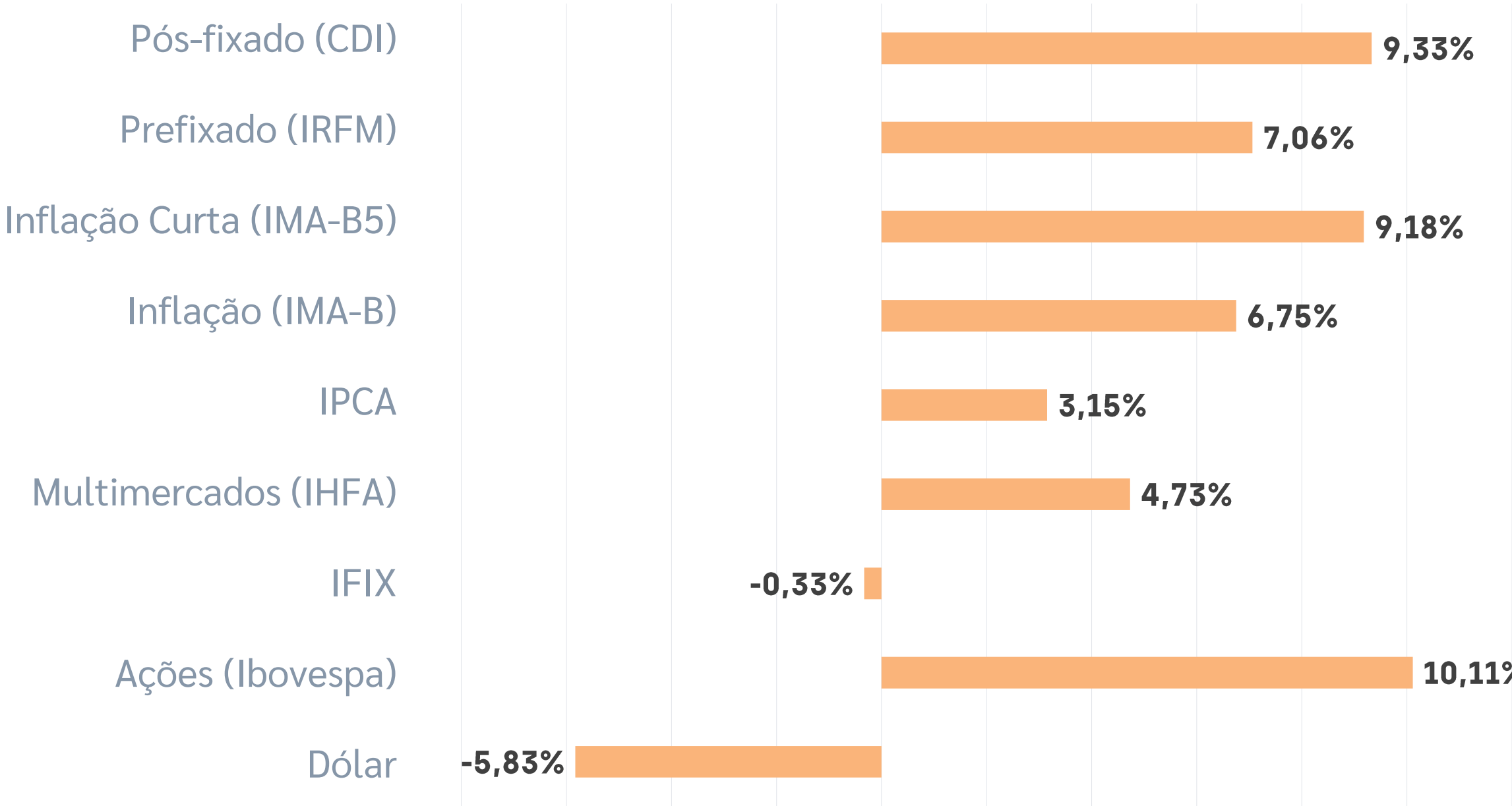


Desempenho das Classes de Ativos Locais

Desempenho no Mês de Agosto

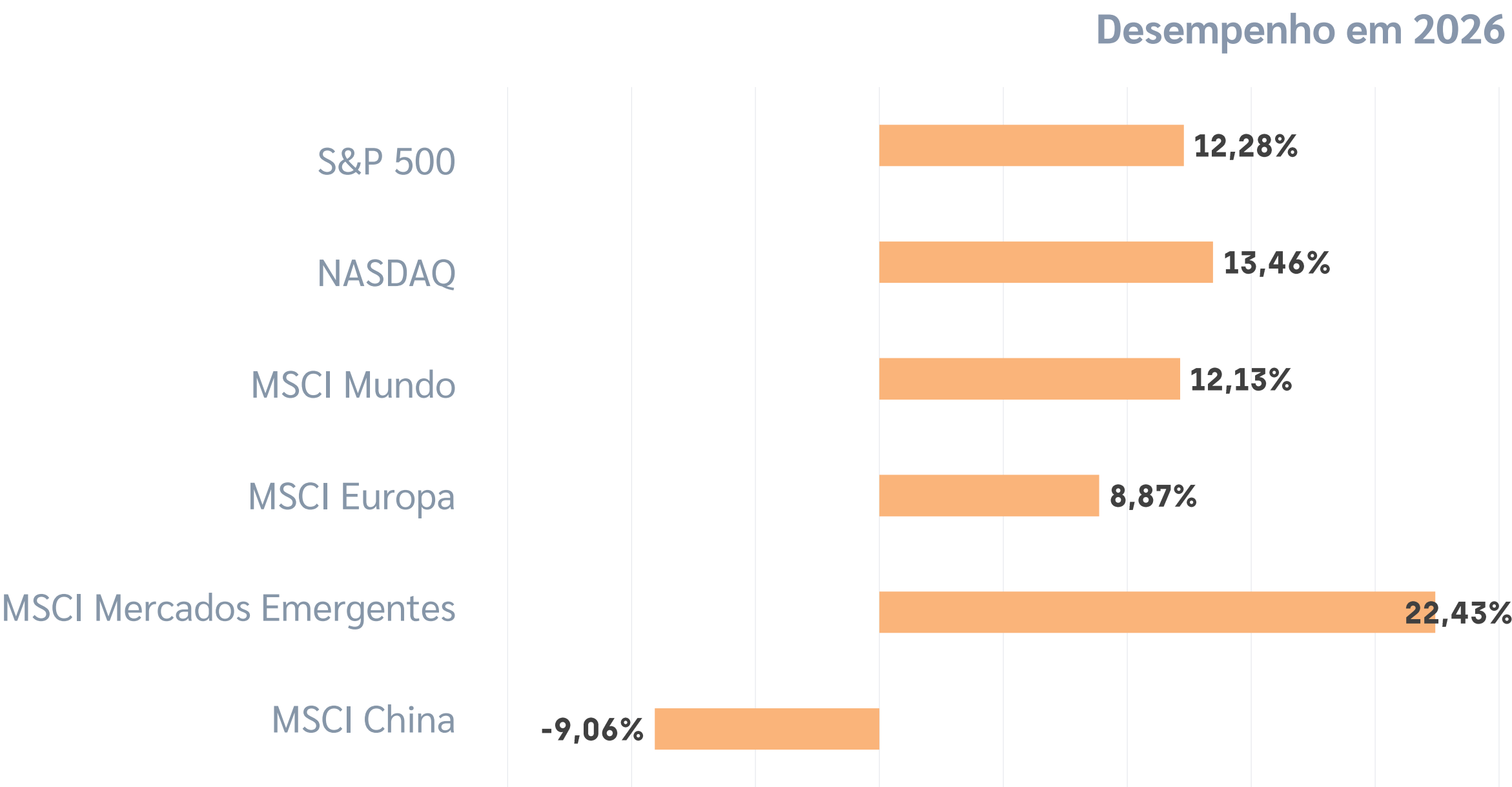
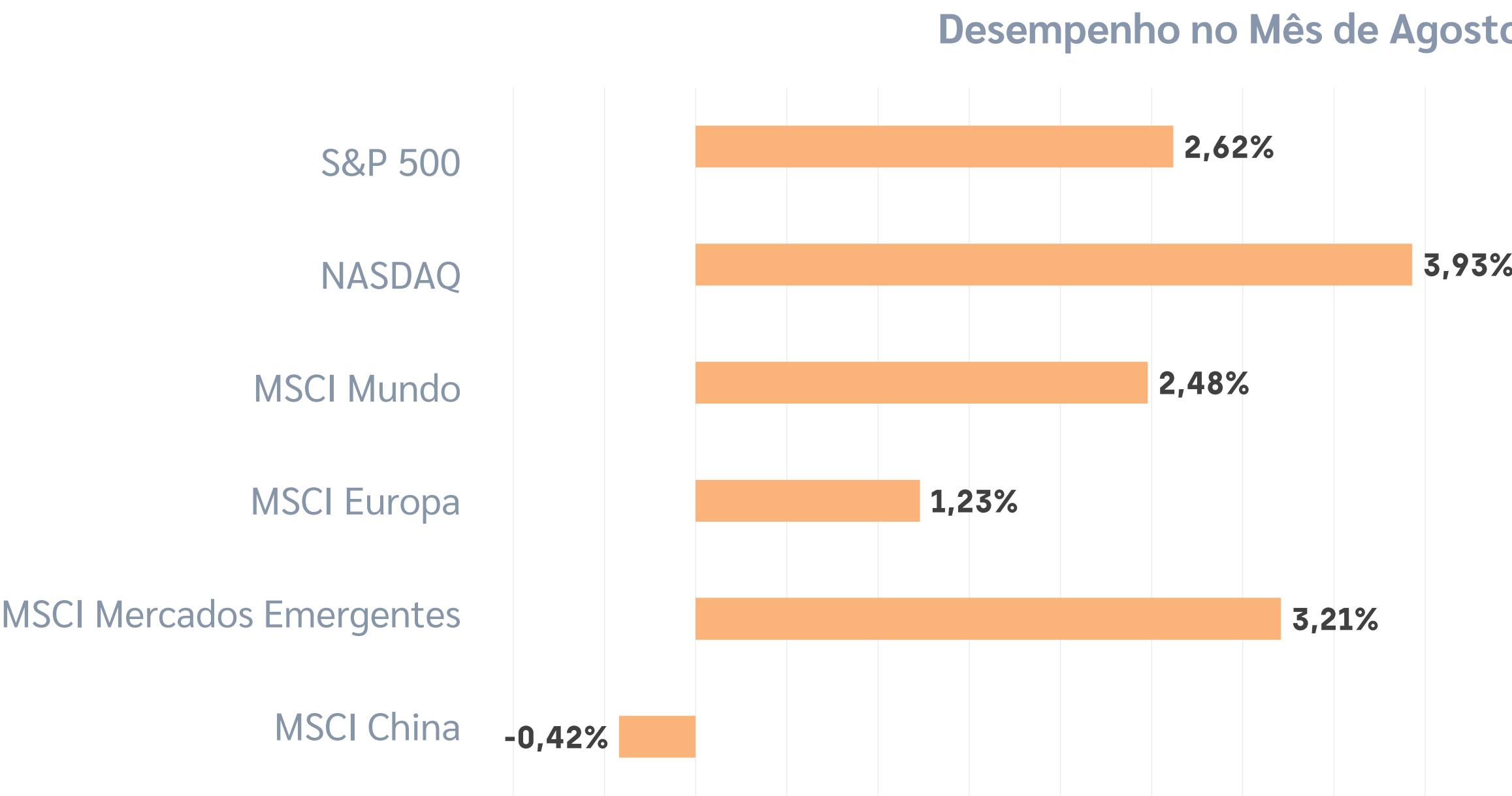


Desempenho em 2026





Desempenho das Bolsas Globais





Mudanças de Alocação Mensal

	AGOSTO	SETEMBRO
Renda Fixa	+1	+1
Pós-Fixado	0	0
Prefixado	+2	+2
Inflação	+1	+1
Internacional	0	0
Multimercado	-2	-2
Renda Variável	0	0
Brasil	0	0
Internacional	0	0

Visão por Classe e Subclasse de Ativo

1. Renda Fixa



O comitê manteve seu posicionamento em **Overweight (+1)**. Para as subclasses:

A) Renda Fixa (Pós-Fixado)



Para os ativos pós-fixados mantivemos nosso posicionamento em **Neutro (0)**. A redução das classes de maior risco ainda favorece as alocações em pós-fixados, diante do atual nível de juros.

B) Renda Fixa (Prefixado)



Mantivemos nossa visão em **Overweight (+2)**. A atual precificação da curva de juros prefixada ainda nos parece exagerada quando comparada às expectativas dos economistas, refletidas no boletim Focus, e enxergamos uma assimetria positiva na alocação na classe.

C) Renda Fixa (Inflação)



Mantivemos nosso posicionamento em **Overweight (+1)**. Com as taxas de juros reais ainda bastante atrativas, acima de IPCA + 7,0%, mantivemos nossa exposição à classe, especialmente em ativos *high grade* isentos, uma vez que os *spreads* de crédito nos parecem adequados.

D) Renda Fixa (Internacional)



O comitê manteve seu posicionamento em **Neutro (0)**. Apesar de ainda considerarmos o nível de juros nos EUA bastante atrativo, avaliamos que o Fed pode ser obrigado a elevar as taxas nos próximos meses, diante da persistência da inflação e da atividade econômica.

2. Renda Variável / Ações

Mantivemos nossa recomendação **Neutra (0)** em Renda Variável.



A) Ações (Brasil)



Mantivemos nossa recomendação em **Neutro (0)** para ações domésticas. Apesar de a bolsa brasileira estar barata, ainda vemos o fluxo de investimento estrangeiro para o Brasil bastante errático. Além disso, com a proximidade das eleições, temos observado um aumento da volatilidade da classe, em linha com a divulgação das pesquisas.

B) Ações (Internacional)



Mantivemos nossa visão em **Neutro (0)**. A bolsa americana continua se beneficiando do fluxo direcionado ao setor de tecnologia, especialmente relacionado à inteligência artificial. O principal ponto de atenção ainda está nos *valuations* de alguns setores.

3. Multimercados



Mantivemos nossa visão para a classe em **Underweight (-2)**. A classe tem apresentado performance inferior ao CDI no ano. Além disso, a comparação com ativos isentos e a proximidade das eleições continuam deixando a classe pouco atrativa para os investidores individuais.



4. Alternativos



Aumentamos nossa recomendação para a classe de Neutro (0) para **Overweight (+1)**. Temos observado um movimento bastante forte de queda nas cotações de alguns fundos listados em bolsa, tanto imobiliários quanto de infraestrutura e de recebíveis agrícolas. Esse movimento tem gerado um descolamento relevante entre o valor das cotas no mercado e seu valor justo (valor patrimonial), especialmente em fundos com carteiras compostas por ativos saudáveis e de alta qualidade.

5. Cambial

Com a proximidade das eleições, enxergamos a classe cambial como a melhor opção de proteção para as carteiras, dado que a volatilidade implícita das opções ainda está em patamares baixos quando comparada a outros ciclos eleitorais.

Alocações B.Side Investimentos (em %)

		PERFIL 1		PERFIL 2		PERFIL 3		PERFIL 4		PERFIL 5	
		estrutural	tática	estrutural	tática	estrutural	tática	estrutural	tática	estrutural	tática
Renda Fixa		95.0	97.0	92.0	94.0	81.0	83.0	58.0	62.0	42.0	45.0
Pós-Fixado		77.0	76.0	72.0	70.5	51.0	47.0	19.0	17.0	12.0	11.5
Soberano/Liquidez		17.0	16.0	10.0	8.5	5.0	4.0	3.0	2.5	7.0	6.5
	High Grade	60.0	60.0	60.0	60.0	37.0	34.0	6.0	4.5	0.0	0.0
	High Yield	0.0	0.0	2.0	2.0	9.0	9.0	10.0	10.0	5.0	5.0
Inflação		6.0	7.0	9.0	10.5	13.0	15.0	20.0	22.0	20.0	21.5
Soberano		0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
	High Grade	6.0	7.0	7.0	8.5	10.0	12.0	15.0	17.0	5.0	6.5
	High Yield	0.0	0.0	2.0	2.0	3.0	3.0	5.0	5.0	15.0	15.0
Prefixado		7.0	9.0	6.0	8.0	10.0	14.0	9.0	13.0	5.0	7.0
Soberano		0.0	1.0	0.0	1.0	0.0	2.0	0.0	2.0	0.0	1.0
	High Grade	7.0	8.0	5.0	6.0	7.0	9.0	4.0	6.0	0.0	1.0
	High Yield	0.0	0.0	1.0	1.0	3.0	3.0	5.0	5.0	5.0	5.0
Internacional		5.0	5.0	5.0	5.0	7.0	7.0	10.0	10.0	5.0	5.0
Renda Variável		0.0	1.0	3.0	4.0	12.0	13.0	32.0	33.0	48.0	50.0
Brasil		0.0	0.0	1.0	1.0	3.0	3.0	12.0	12.0	20.0	20.0
	EUA	0.0	0.0	2.0	2.0	7.0	7.0	18.0	18.0	24.0	24.0
	IFIX/Alternativo	0.0	1.0	0.0	1.0	2.0	3.0	2.0	3.0	4.0	6.0
Multimercado		5.0	2.0	5.0	2.0	7.0	4.0	10.0	5.0	10.0	5.0
TOTAL		100%		100%		100%		100%		100%	



Disclaimer



O conteúdo desse material não pode ser reproduzido, publicado, copiado, divulgado, distribuído, resumido, extraído ou de outra forma referenciado, no todo ou em parte, sem o consentimento prévio e expresso da B.Side Investimentos. O conteúdo desse material foi gerado consoante as condições econômicas, de mercado, entre outras, disponíveis na data de sua publicação, de modo que as conclusões apresentadas estão sujeitas a variações em virtude de uma gama de fatores sobre os quais a B.Side Investimentos não tem qualquer controle. As informações desse material refletem as condições mercadológicas na sua respectiva data de divulgação, sendo que eventos futuros podem prejudicar suas conclusões.

As informações contidas nesta apresentação são meramente informativas e não podem ser consideradas como recomendação de investimento ou única fonte de informações no processo decisório do investidor, que, antes de tomar qualquer decisão, deverá realizar uma avaliação minuciosa do produto e respectivos riscos, face aos seus objetivos pessoais e ao seu perfil de risco ("Suitability"). RENTABILIDADE PASSADA NÃO REPRESENTA GARANTIA DE RENTABILIDADE FUTURA. Assim, não é possível prever o desempenho futuro de um investimento a partir da variação de seu valor de mercado no passado. A B.Side não assume que os investidores vão obter lucros, nem se responsabiliza pelas perdas.



Autorregulação
ANBIMA

Gestão de Recursos



Autorregulação
ANBIMA

Gestão de Patrimônio